

Fotografia como fonte de informação e memória do Bairro Campo Grande, Rio de Janeiro

Photography as a source of information and memory of the Campo Grande neighborhood, Rio de Janeiro

Mariã Michely Melo de Lima do Carmo   

Carla Beatriz Marques Felipe   

Robson Santos Costa   

Resumo

O presente trabalho objetiva apresentar a fotografia como uma fonte de informação reconhecida por meio de suas características informacionais. Para que isso ocorra, conceitua fotografia, assim como as fontes de informação utilizando a fotografia como validação teórica, evidenciando a sua importância como material informacional e de preservação histórica por meio da memória. Define memória e a sua importância para a construção e preservação da memória do bairro de Campo Grande, localizado na cidade do Rio de Janeiro e reconhecido como o maior bairro em termos populacionais. Apresenta um breve histórico sobre a construção e o desenvolvimento do bairro de Campo Grande. Seleciona, por meio de material imagético, locais no final do século XX que possuem relevância na construção e no desenvolvimento do bairro. Conclui que a fotografia é de enorme valor como dispositivo de memória individual e social, sendo reconhecida como uma fonte informacional para a história do bairro e do Estado.

Palavras-chave: fotografia; memória; Campo Grande, RJ.

Abstract

The present work has the objective of presenting photography as a source of information recognized through its informational characteristics. For this to occur, it conceptualizes photography, as well as information sources using photography as theoretical validation, highlighting its importance as informational material and historical preservation through memory. It defines memory and its importance for the construction and preservation of the memory of the bairro de Campo Grande, located in the city of Rio de Janeiro and recognized as the largest neighborhood in terms of population. It presents a brief history of the construction and development of the bairro de Campo Grande. It selects, through image material, places at the end of the 20th Century that are relevant in the construction and development of the neighborhood. It concludes that photography is of enormous value as an individual and social memory device, being recognized as an informational source for the history of the neighborhood and the State.

Keywords: photography; memory; Campo Grande, RJ.



folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Juazeiro do Norte, v. 8, n. 2, p.144-163, maio/ago. 2022. ISSN 2447-0120. DOI 10.56837/fr.2022.v8.n2.798.

1 Introdução

A fotografia possui a função de registrar momentos, e como desempenha este papel de representação, ela está não apenas demonstrando o que existiu ou existe, mas sim comprovando documentalmente que o que ela representa é verídico. Batista Junior (2009, p. 11) afirma que a fotografia “[...] não deixa de transparecer, em um primeiro contato, uma evocação, uma lembrança, uma memória metonímica do que foi registrado”. Por meio dos conteúdos documentais é possível entender a fotografia como um valioso documento de caráter informacional primário e que possui, por isto, influências diretas na construção da memória individual e social dos indivíduos.

É por meio de documentos, como a fotografia, que se perpetua a memória, já que a imagem é um instrumento que constrói a memória e auxilia na preservação da história. Conforme Maciel (2011, p. 104), “A representação das coisas evocadas pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas”. Sendo assim, fica notório que a memória individual é construída por meio da memória coletiva. Será apresentada neste trabalho a influência da fotografia na memória e sua importância nesta construção social e preservação da história.

A memória é um instrumento de construção e afirmação da identidade individual e coletiva. Por sua vez, a fotografia faz parte do patrimônio cultural de um povo e expressa com sua linguagem específica suas representações e visões de mundo. Enxergar além do documento e perceber seus limites é um desafio lançado a quem interpreta a imagem.

É de amplo conhecimento que a cidade do Rio de Janeiro possui um grande destaque em suas regiões Central e Zona Sul, já que tais regiões possuíram uma grande importância na sua construção, que se deu principalmente nestas regiões próximas ao porto. Por isto, tornaram-se locais com um grande quantitativo de construções históricas, destacando-se dentro e fora do estado, o que tornou consequentemente outros bairros esquecidos na memória individual e coletiva dos cariocas e menos conhecidos para os visitantes.

O bairro de Campo Grande, local objeto deste estudo, possui uma grande importância histórica na construção e expansão física da cidade do Rio de Janeiro, sendo considerado como o bairro mais populoso do Rio de Janeiro, conforme atesta Rigel (2020). Apesar disto, o bairro de Campo Grande não possui um grande destaque diante de outras regiões que são consideradas como bairros

históricos. Nesse contexto, acreditamos que a fotografia pode ser utilizada como um instrumento para a construção da memória do bairro.

Como objetivo geral, pretendemos apresentar a fotografia como um recurso de memória social para o bairro de Campo Grande, localizado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A partir disso, os objetivos específicos se desdobram em demonstrar o documento imagético como fonte de informação para a memória do bairro e difundir, por meio das fotografias, fragmentos da memória social de Campo Grande, com o auxílio de relatos de moradores.

Contudo, é por meio deste trabalho que o bairro será apresentado e reafirmado como um local que direta e indiretamente contribuiu para a construção da cidade do Rio de Janeiro, pois é o local que possui o maior contingente populacional do Estado e que também apresenta a sua importância histórica para os moradores e visitantes.

2 Memória e Fotografia

Poderíamos dizer que a memória é inerente ao ser humano. Sem a memória, não realizaríamos tarefas cognitivas e fisiológicas básicas, já que não seria possível, nem sequer, recordar a própria identidade. Mourão Júnior e Faria (2015, p.780) afirmam que memória é a “[...] capacidade que os seres vivos têm de adquirir, armazenar e recordar informações”. A memória possui extrema relevância para o indivíduo tanto pessoalmente quanto em relação aos grupos sociais dos quais faz parte. Desse modo, podemos falar em dois âmbitos da memória: um individual e outro coletivo, sendo que a memória individual é, para Halbwachs (1990, p. 55), “um ponto de vista sob a memória coletiva”. A memória não é algo estático, pois é no presente que encontra significado. As lembranças estão em constante movimento, sobretudo quando os suportes e ambientes entram em contato com o indivíduo. Com a memória é permitida a reconstrução, renovação das convicções de hoje, com base em experiências passadas (FELIPE; PINHO, 2018, p. 91).

Tanto a memória individual quanto a coletiva possuiriam um limite espaço-temporal em relação aos indivíduos, pois as lembranças se resumiriam ao período de vida destes. É pensando nessa questão que Halbwachs (1990) adota o conceito das “lembranças históricas”, que seriam as memórias que o indivíduo possui, mas que estão fora do seu escopo de vida biológica. Isso se torna possível em razão do que poderíamos chamar de uma memória registrada por

meio das mais variadas fontes, tanto escritas quanto imagéticas, como é o caso da fotografia.

Desse modo, a fotografia pode ser vista como um instrumento de construção de memórias em seus mais variados âmbitos. Felipe e Pinho (2018, p. 92) afirmam que: “A memória é fundamental para a sociedade, pois a cultura só pode ser vivenciada, porque a memória permite que sejam rememorados os fatos e assim a construção da identidade [...]”. Ou seja, os grupos constroem sua identidade por meio da memória, e por meio desta memória individual e social é que um povo se destaca através de sua cultura e características próprias.

A memória social é construída pela troca de informações e vivências sociais. Com efeito, “Nenhum grupo social tem sua eternidade garantida [...]” (VILLALBA, 2015, p. 6). Por isto, a imagem, como no caso da fotografia, atua como um meio de preservação de momentos e fatos que constroem memórias e identidades. Com efeito, por meio deste dispositivo de validação de fatos, mesmo que sujeito a numerosas interpretações, a história se torna mais acessível, principalmente àqueles que não puderam ver e viver a história do bairro de Campo Grande, que hoje é construída e zelada por meio da memória social.

A memória “[...] funciona como um mecanismo de autorreconhecimento e disponibiliza elementos do passado para atuar no presente [...]” (SILVA, 2011, p. 229). Ou seja, a memória social atua como resultado da união das identidades individuais, que por meio dos recursos imagéticos reafirmam suas histórias e culturas vividas. Neste sentido, a memória coletiva é apenas o somatório das memórias individuais a partir de uma espécie de identidade coletiva. Melhor é o uso da categoria “memória social”, por se entender que são os atores sociais que elaboram e processam as memórias, dando sentido à comunidade e à construção de identidades sociais (MACIEL, 2011, p. 106).

De modo similar, a memória social, por ser sustentada pelo coletivo e individual, se reafirma para aqueles que utilizam algum dispositivo informacional que remete a alguma lembrança. Maciel (2011, p. 104) diz que “A descontinuidade leva ao esquecimento, durando a memória enquanto o grupo existir”. Em suma, toda a construção social da memória se dá por meio do coletivo, que através dos meios informacionais auxiliam na preservação da memória social.

A fotografia, sendo produzida e circulando com a facilidade e a velocidade que existem hoje, possui uma grande influência na construção da memória de todos com a qual tenham tido contato. Isto fica notório quando se vê uma imagem de

uma construção que não existe mais por consequência da modernização da sociedade, mas que possui um valor de memória para quem conheceu o local antes e depois daquela construção, este valor se torna maior se esta imagem possui para alguém um valor sentimental. É como afirma Rodrigues (2007, p. 71): “são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória”. Desta maneira, o documento imagético ultrapassa o simples registro e se afirma como um dispositivo de construção e preservação da memória, realizando tal fato por meio de sua característica natural, que se distingue quanto à interpretação, mediante a exploração visual da imagem.

Assim, a fotografia possui a importante função de ser instrumento de construção da memória de lugares e, conseqüentemente, de indivíduos e da sociedade. O documento imagético auxilia na construção da memória social, que transmite informação por meio de seu conteúdo. Com isso, por intermédio dos indivíduos sociais, a interpretação polissêmica da imagem possibilita uma preservação e interpretação da história de um coletivo.

A fotografia ultrapassa a recordação de algo que ocorreu ou existiu fisicamente, já que perpetua, no presente, uma realidade que houve fisicamente, e desta maneira permanece existente de maneira subjetiva, por meio da memória de quem vive e se recorda, mediante um referencial imagético. Halbwachs (1990, p. 54) comenta sobre a memória individual que “[...] ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros”. Por isto, a imagem faz-se presente na memória individual por meio da memória social. Destacamos que Gondar (2008, p.3) afirma que “[...] certos aspectos da memória individual esclarecem problemas da memória social e coletiva”.

Muito mais que um texto proveniente de relatos, a fotografia possui uma representatividade de fidelidade de informação referente a locais que existiram e que por meio de uma câmera foram registrados. Segundo Batista Junior (2009, p. 5) “A natureza da fotografia parece ser muito próxima à da denúncia, pois a comprovação de um acontecimento é mais rápida quando há fotos [...]”. Ou seja, a fotografia possui a comprovação de existência dos fatos na sua natureza.

Não obstante, segundo Barros (2017), a referencialidade presente na fotografia, unida à presença humana ao visualizar uma imagem, insere a fotografia na história e na memória, já que, o que foi registrado por meio da fotografia, foi testemunhado pelo autor que registrou o momento. Por isto, a fotografia mesmo sendo um item passado, torna-se validado no presente. A fotografia então

necessita de uma testemunha, para que ocorra uma captura e um registro do que existiu ou sobreveio no breve instante do registro fotográfico. Porém, o que tornará tal material importante no presente será a memória não só de quem realizou o registro, mas principalmente de quem possui uma relação física ou afetiva com o conteúdo imagético, além daqueles que sabem interpretar que determinadas imagens são fundamentais para uma futura recuperação informacional, mesmo não sendo o conteúdo de seu interesse pessoal.

Por meio de uma interpretação dos signos presentes na imagem, torna-se possível a interpretação da temporalidade da imagem. Porém, tal leitura temporal não é de simples realização, já que determinados símbolos presentes numa imagem podem referenciar detalhes presentes tanto no passado como ainda existentes no momento presente. Salvo que, segundo Barros (2017, p. 155), “O que se acredita ter visto no mundo e o que se deseja ver no mundo, estão em simbiose na fotografia a tal ponto que se poderia falar de uma projeção do passado, tanto quanto de uma memória do futuro [...]”. Neste sentido, a referência de algo que existiu pode coexistir com o que há no presente, auxiliando a entender e delinear modificações futuras. Mas vale destacar que, assim como afirma Barros (2017), existe na fotografia uma inabilidade na reprodução da temporalidade imagética, já que a fotografia só poderá realizar uma confirmação de temporalidade por meio de signos, o que fará com que a imagem não dependa exatamente de características fisicamente passadas, mas sim de uma interpretação no momento presente, sobre o que de fato estaria referenciando e afirmando o momento temporal do registro da imagem, como sendo algo do passado ou presente.

A fotografia tem a competência de facilitar o processo de recuperação da informação e construção da memória por meio de suas características informacionais, que são carregadas de detalhes que remetem de forma fiel ao que de fato existiu. Neste sentido, o material imagético é apresentado como uma das principais ferramentas para a construção da memória individual e coletiva dos moradores do bairro de Campo Grande, principalmente daqueles que viram seus antepassados construírem o alicerce do que hoje é considerado como um dos maiores bairros da cidade do Rio de Janeiro.

3 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa pode ser classificada, de acordo com seus objetivos, como exploratória e descritiva, através do campo documental, buscando demonstrar a importância da fotografia como um documento caracterizado, por ser uma fonte de informação e recurso de memória. Seu gênero exploratório permitiu uma maior aproximação com o tema investigado, logo proporcionando um pouco o entendimento da história de Campo Grande.

Por sua vez, no nível descritivo, apresenta as características e definições sem interferência na realidade dos fatos, já que a fotografia comprova por sua natureza a veracidade das informações, assim como, o conteúdo bibliográfico apresentado.

O campo da pesquisa é o documental por se utilizar de material imagético, sendo justificado tal uso mediante análise e seleção de conteúdo. Neste sentido, foram avaliados apenas materiais de fontes primárias. A partir disso, foram recuperadas diversas imagens localizadas em diversas fontes, como moradores do bairro e selecionadas quatro¹ com o objetivo de alcançar os resultados necessários, que contam a história do bairro e demonstram ser a fotografia uma fonte de informação, mediante análise de seu conteúdo imagético.

Para tanto, por ser de campo documental, tais materiais possuem como característica um conteúdo original, sendo em grande parte um registro formalizado de uma fonte de informação, tornando-se capaz de ser encontrado também em diversos suportes informacionais, como afirma Azevedo (2012). Com efeito, o material imagético utilizado na pesquisa auxilia na correspondência dos fatos que se confirmam mediante seu conteúdo informacional.

3.1 Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu em duas etapas. A primeira foi a seleção do material para compor o *corpus* da pesquisa. Nesta etapa foram realizadas visitas ao 'Bar do Ernesto' ou 'Chopp da Vila', conhecido como um bar de memórias de Campo Grande. Este bar possui em suas paredes fotografias emolduradas com fotos originais de Campo Grande, registradas no século XX, referentes a locais importantes na construção e no desenvolvimento econômico do bairro. Ou seja,

¹ Foram apresentadas apenas as fotografias das quais se conseguiram os depoimentos.

foram registradas as fotografias das imagens originais, para serem utilizadas na pesquisa.

Na segunda fase, foram colhidos relatos relacionados às fotografias selecionadas junto a moradores do local. Devido à pandemia de Covid-19, a coleta de dados desta fase foi realizada por meio de ligações telefônicas, uso do aplicativo WhatsApp e visita nas casas das pessoas (sempre tomando todas as medidas de segurança higiênica).

Cabe frisar, quanto à coleta de dados feita por telefone, que o indivíduo possuía acesso às fotografias, tendo passado o seu relato por este meio. As fotografias foram enviadas pelo aplicativo e as pessoas deram retorno sobre aquelas que lhe remetiam alguma memória. Também devido à pandemia, não foi possível colher dados sobre todas as fotografias que foram selecionadas na primeira etapa da pesquisa. Deste modo, as fotografias que serão apresentadas na parte do material selecionado foram as que conseguimos obter depoimentos sobre. Antes de apresentar o material, faz-se necessário apresentar o bairro de Campo Grande.

3.2 O bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro

Campo Grande é considerado como o bairro mais populoso da cidade do Rio de Janeiro, conforme Rigel (2020). O bairro tem seu nome dado pelos Jesuítas, justificado devido à grande extensão de terras que havia entre os limites da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro, que compreendia as regiões de Realengo até a fazenda Santa Cruz (A HISTÓRIA, 1970). Antes da fundação da cidade, a região de Campo Grande era habitada por índios da tribo Picinguaba. Após 1565, este território passou a pertencer à grande Sesmaria de Irajá. Contudo, em 1603 foram doadas sesmarias pelo Governador do Rio de Janeiro, Martim de Sá a Lazaro Fernandes e Pero da Silva.

Oficialmente se comemora a fundação do bairro na data desta doação, que é o dia 17 de novembro de 1603. “[...] Embora esta data seja questionada devido a doação de sesmaria a Martin Fernandes, dois dias antes [...]” (FRÓES; GELABERT, 2004 *apud* MANSUR, 2008, p.58). Porém, a própria cidade do Rio de Janeiro possui controvérsias em relação a sua fundação, pois há relatos de uma possível vila construída pelos franceses em 1555 e destruída pelos portugueses. Contudo, é necessário confiar em dados oficiais, principalmente diante de tantas informações desconstruídas em relação à construção do bairro e da cidade do Rio de Janeiro.

Em 1673, Campo Grande foi desligado da Sesmaria de Irajá e doado pelo Governo Colonial a Barcelos Domingos, sendo naquele ano construída a Capela Nossa Senhora do Desterro, que mais tarde, em 12 de janeiro de 1755, tornou-se paróquia, considerada como um marco na história do bairro. Além disso, Campo Grande possui bens que foram tombados devido a sua importância para o bairro, como: A Igreja Nossa Senhora do Desterro, a Antiga Usina de Bondes, a Fonte do Vaso da Praça Enzo Osborne, a Bica de Cantaria de Campo Grande, a Fonte Wallace da Praça João Esberard, o Cine Palácio Campo Grande, a Igreja São Pedro e o Mercado São Braz. Todavia, há outras construções e locais importantes para o bairro que não foram tombados, mas que não deixaram de ser fundamentais na sua construção e desenvolvimento.

Vale a pena destacar que entre 1930 e 1940 Campo Grande, junto com a Baixada Fluminense, foi uma referência como o maior produtor de laranja do país. Segundo Mansur (2008), Campo Grande realizava a exportação, na época, para países europeus, Estados Unidos e Argentina. Porém, com a Segunda Guerra, a economia dos países que importavam a laranja brasileira se voltou para a produção de armamentos. Antes do período da laranja, Campo Grande também foi um grande produtor de café. Contudo, hoje Campo Grande é uma área predominantemente urbana, possuindo alguns locais com natureza preservada, mas sem plantações industriais.

3.3 Material selecionado

A seguir serão apresentadas as fotografias e uma contextualização das imagens que foram selecionadas para compor o *corpus* da pesquisa. Serão apresentadas apenas as fotografias sobre as quais foram conseguidos os relatos dos moradores, ficando assim as outras imagens para utilização em pesquisas futuras.

3.3.1 Laranjal

Campo Grande possui diversos monumentos referenciando o cultivo da laranja no bairro. Segundo Dias (2011), foram inaugurados em julho de 1996, de autoria do arquiteto Nilton Montarroyos, o Chafariz Canhão e a escultura Laranja Descascada fazendo referência à época em que o bairro era um dos maiores produtores de laranja da cidade. No bairro, existem outros monumentos semelhantes que fazem a mesma referência ao período em que Campo Grande era denominado, de forma não oficial, como a 'Citrolândia', devido ao cultivo e à

exportação de laranjas, como mencionado acima. Sobre o laranjal foram selecionadas duas imagens (Figuras 1 e 2).

Figura 1 – Laranjal



Fonte: Desconhecida. Foto datada de 1947. Foto da foto exposta no “Bar do Ernesto”.

Esta fotografia retrata uma família moradora do bairro que viveu os momentos da época em que Campo Grande estava no seu momento de grande produção de laranja. Muitas famílias viveram dos lucros que a laranja trouxe para eles. Abaixo, outra figura que remete aos tempos de produção da laranja.

Figura 2 – Monumento da laranja

Fonte: Fernandes (2021).

A fotografia retrata um monumento em forma de laranja localizado no centro do bairro de Campo Grande, instalado há mais de 20 anos, como forma de rememorar o passado do bairro, quando era um grande produtor de laranja. O responsável pela elaboração e execução da obra foi o arquiteto Nilton Montarroyos.

3.3.2 Bonde de Campo Grande

Campo Grande viveu um período no qual os bondes eram de grande destaque na região, começando como transporte de materiais e depois de pessoas, passando a operar posteriormente por trechos oficiais. Locomover-se por meio de bondes era de grande importância para os moradores da região, já que os trechos eram de grande distância e este transporte facilitava o seu dia a dia. Porém, a época dos bondes teve o seu fim. Restou apenas como lembrança aos moradores do bairro uma antiga Oficina de Bondes, localizada no Largo do Monteiro, que é tombada oficialmente pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Segundo Mansur (2011), os bondes chegaram ao bairro de Campo Grande no dia 16 de outubro de 1894, por meio de uma concessão dada à Companhia de Carros Urbanos, para operar a linha de bondes de tração animal. Em 1896 foi inaugurado o trecho entre Campo Grande e o Centro, passando pela Estrada do Monteiro, transportando capim para os animais da região.

No início da operação dos bondes, que transportavam capim para determinadas regiões no bairro, não havia energia elétrica. Foi por isso que, segundo Mansur (2011), somente a partir de 1908 começaram a transportar passageiros, operando com uma velocidade de 10, 20 km/h. Em 1917, com a chegada da energia elétrica na região, surgiu a Companhia de Bondes Elétricos de Campo Grande a Guaratiba inaugurando a Linha Campo Grande - Pedra de Guaratiba; em 1918, Campo Grande - Ilha de Guaratiba; e em 1920, Campo Grande - Rio da Prata.

Os bondes também passaram por transformações de administração. Segundo Mansur (2011), os bondes de Campo Grande foram municipalizados em 1937. Com a transferência da capital do Brasil, então o município do Rio de Janeiro, para Brasília, e o surgimento do Estado da Guanabara, os bondes passaram a fazer parte do Serviço de Transporte Rural (STR). Porém em 1964, a Companhia de Transportes Coletivos (CTC) adquiriu os veículos modificando a sua cor, originalmente verde, para azul. No dia 30 de outubro de 1967 ocorreu a última viagem do bonde de Campo Grande (Figura 3), encerrando todas as linhas. Sobrou a Oficina de Bondes, que foi tombada no bairro e que pertence atualmente à Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB).

Figura 3 – Última viagem do Bonde de Campo Grande



Fonte: Desconhecida. Foto datada de 1967. Foto da foto exposta no “Bar do Ernesto”.

A fotografia retrata o momento em que se encerraram as atividades do bonde de Campo Grande. Na foto está representado o bonde da Linha do Monteiro, que é um dos trajetos que o bonde fazia entre Campo Grande e Centro. Para os moradores, foi considerado um momento de transição, já que este transporte foi excluído de forma permanente no bairro.

3.3.3 Cinema de Campo Grande

O bairro de Campo Grande possuiu alguns cinemas, que eram construções independentes, antes da chegada dos Shoppings Centers. O Cine Palácio foi um desses prédios que realizava a exibição de filmes no bairro e que era um destaque referente a entretenimento para moradores do bairro e de bairros vizinhos. Localizado próximo à linha férrea, facilitava ainda mais o seu acesso. Segundo Vieira (2010), o Cine Palácio Campo Grande (Figura 4) foi inaugurado no dia 9 de agosto de 1962, sendo propriedade do Sr. João Luiz Fernandes e de seu sogro Sr. Almeida, assim permanecendo até o ano de seu fechamento, em setembro de 1990. O cinema exibiu por quase quatro décadas uma infinidade de filmes, dos mais variados gêneros, como a maioria das salas dos subúrbios. Sua localização próxima à via férrea contribuía para o acesso de pessoas de bairros vizinhos. Hoje, o prédio pertence à Igreja Universal. Contudo, o prédio é tombado pela prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Este e outros prédios que foram tombados em Campo Grande possuem grande importância na memória do bairro sendo de grande conquista tais tombamentos, por garantirem a preservação de bens tão significativos na história do bairro e que a Prefeitura do Rio de Janeiro reconheceu como fundamentais. Vale destacar que outros bens foram perdidos, como os bondes, por exemplo. Porém, hoje a fotografia assume este importante papel de preservação da memória diante dos bens que não puderam ser preservados, mas que podem permanecer 'presentes' na memória coletiva dos moradores e admiradores dos prédios e monumentos que perteceram a este importante bairro do Município do Rio de Janeiro.

Figura 4 – Cine Palácio Campo Grande



Fonte: Clark, 1990.

Antigo Cine Palácio Campo Grande. Grande sala de cinema que foi destaque na época para moradores, visto que representava um ambiente de lazer.

4 Resultados

Com o auxílio dos relatos dos moradores participantes da pesquisa, foi possível alcançar os objetivos da pesquisa. A seguir serão apresentados os resultados.

Entrevistado A: “Eu era muito nova, mas lembro quando aqui tinha praticamente só laranjal, muita casa distante uma da outra. Os moradores, um conhecia o outro, porque passavam todo dia a pé pra lá e pra cá. Mas eram sítios e as pessoas se conheciam, porque não tinham tantos moradores como hoje. Meus pais viviam da laranja que trouxe muita prosperidade pra cá, mas depois passou essa época e a laranja deixou de ser um destaque”.

Ao contemplarmos a presente fala, podemos constatar a afirmação de Kossoy (1998, p.44), na qual afirma que “a fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de certo momento e situação, de uma certa luz, de um determinado tema, absolutamente congelado contra a marca do tempo”. É isto que está sendo afirmado quando observamos

a fala do entrevistado A, onde mesmo sendo jovem, ao ver a fotografia consegue relembrar um passado e construir uma memória da época por meio do documento fotográfico.

Entrevistado D: “Eu moro há 38 anos em Campo Grande, ao ver a foto da escultura da laranja eu lembro que aqui era um laranjal, não tinha muito comércio como tem hoje em dia, então...aqui tinha muitas plantações né, de laranja. Me faz lembrar também que onde era a rodoviária de Campo Grande, ali era um grande depósito onde eram comercializadas as laranjas.”

Ao observarmos esses relatos, podemos afirmar que a imagem possui a propriedade de preservar a memória coletiva e individual. Rodrigues (2007, p. 71) afirma que “[...] são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória”. Daí a importância da fotografia como uma comprovação de um referente que foi uma realidade por determinado momento. O cultivo da laranja para Campo Grande foi uma grande conquista para os que viveram na época, visto que o bairro se tornou um grande produtor da fruta.

Entrevistado B: “Era muito bom andar de bonde. Ele levava as pessoas para o trabalho, para a igreja. Eu o pegava no Monteiro para o Centro de Campo Grande e íamos vendo o bairro. Naquela época era um meio de transporte muito bom e rápido, já que muitas pessoas moravam em casas muito afastadas do centro do bairro. No Monteiro tinha muita gente que demorava demais pra chegar no Centro de Campo Grande a pé, mas com a chegada dos ônibus o Bonde deixou de ser uma atração, já que ele nem corria tanto quanto os ônibus. Mas foi uma época muito boa”.

Entrevistado D: “Lembro que o bonde saía de Campo Grande e ia até a Pedra de Guaratiba. Lembro de passear nele... não era bom, demorava muito”.

O bonde foi para os moradores um meio de transporte de grande importância, já que muitos o utilizavam para trabalho ou passeio, principalmente antes da chegada dos meios de transporte públicos atuais, como ônibus e trem. Hoje, mesmo sobrando apenas uma parte dos trilhos no bairro, fica o interesse dos que não viveram na época de saber como era este meio de locomoção que foi eliminado do bairro.

O que permanece atualmente é a lembrança para os que viveram aquele momento. Halbwachs (1990, p.84) afirma sobre a lembrança coletiva que “basta que se conserve numa parte limitada do corpo social, para que possamos

encontrá-la sempre ali". Ou seja, por meio das lembranças dos que viveram na época dos bondes, permanece a memória coletiva, a qual é constituída por meio de relatos e documentos, sendo de grande importância o imagético.

Entrevistado C: "O cinema era um lugar encantador para mim, frequentei lá quando muito pequeno ainda e fiquei maravilhado com o tamanho do lugar, o filme passando numa tela enorme. Ficava encantado. Muitas vezes, após o cinema, íamos para a pracinha da igreja Nossa Senhora do Desterro com outras crianças. O bairro de Campo Grande sempre foi muito tranquilo e naquela época vinham pessoas de outros bairros para assistir os filmes, porque o cinema era bem localizado no centro de Campo Grande. Quem viveu nesta época tem boas recordações".

Entrevistado D: "Os jovens da época, quando eu vim morar em Campo Grande nos meus 38 anos, frequentavam muito esse cinema, que agora é uma igreja".

Entrevistado E: "Ele ficava no centro de Campo Grande, interessante porque era um cinema de rua, ele era bem grande, dava muita gente. Hoje em dia ele é uma Igreja Universal. Não me lembro quando ele deixou de ser cinema e passou a ser igreja".

O antigo Cine Palácio Campo Grande, atual Igreja Universal, é um local que permanece preservado fisicamente devido ao tombamento por sua importância no bairro. A existência deste prédio com suas características originais preserva uma memória social no que tange às suas características físicas, aproximando os que não viveram a sua época de cinema.

Segundo Rosamaria Bras, Aline Bras e Antonio Bras, (2016, p. 116), a finalidade da fotografia é "[...] documentar, fazer memória de determinados acontecimentos, bem como levar o espectador ao local do evento registrado atendendo aos interesses específicos de indivíduos". Nesta perspectiva, a fotografia como fonte de informação possui esta propriedade de documentar e comprovar fatos. Contudo, a existência do antigo cinema de Campo Grande permanece através das gerações tanto nos documentos imagéticos, como fisicamente no bairro, por meio da preservação de sua estrutura original.

5 Considerações finais

O presente trabalho abordou a fotografia como fonte de informação e memória do bairro de Campo Grande, localizado na cidade do Rio de Janeiro, sendo a

fotografia um instrumento de transmissão da informação, que se dá por meio de suas características. Sendo ela uma fonte de informação, assim definida por transmitir informação de caráter primário, torna-se uma significativa ferramenta de construção da memória individual e coletiva.

Foram apresentados dados bibliográficos que comprovam o material imagético como uma fonte de informação, que além de transportar informações por meio de sua característica, é também um instrumento de reconstrução do passado. Possuindo um valor de documento por registrar e disseminar a informação por meio de seu conteúdo, ela se destaca como um importante instrumento de informação no bairro, visto que muitas coisas apresentadas nas imagens já não existem mais fisicamente. Eis o porquê do importante papel da imagem como um instrumento de comprovação de fatos.

O tema abordado possui uma grande importância para o campo acadêmico, pois apresenta por meio de seu conteúdo informações que contribuem para afirmar a importância que o material imagético desempenha tanto como fonte de informação quanto como instrumento para a construção da memória. E por meio de tal conteúdo e comprovações confirma para o campo acadêmico a importância da valorização do conteúdo imagético, assim como a exploração de seu conteúdo informacional, podendo gerar possíveis novas pesquisas, tanto para a área da informação, como para outras áreas que irão se beneficiar de tal conteúdo nas suas pesquisas.

Além do campo acadêmico, a sociedade como um todo pode se beneficiar da presente pesquisa, já que por meio do conteúdo documental apresentado fica clara a importância do material imagético para a sociedade atual e futura. Neste sentido, a preservação de tais materiais mostra-se algo ímpar para aqueles que se interessam por este conteúdo informacional como dispositivo de apoio nos estudos.

Sob este prisma, a presente pesquisa possibilita futuras explorações sobre o conteúdo imagético do bairro em relação à sua história como um todo, que tem início com a fundação da Cidade do Rio de Janeiro. Com isso, mesmo não havendo fotografias da época de fundação e primeiras explorações do bairro, torna-se possível inúmeras explorações quanto a antigos estabelecimentos que possam ter atuado de forma significativa para o crescimento do bairro. Desse modo, as fotografias analisadas se apresentam como um recurso de preservação da história e memória do bairro de Campo Grande para esta

pesquisa, construindo memórias tanto para quem já conhece, quanto para os que irão conhecer Campo Grande.

Referências

A HISTÓRIA DE CAMPO GRANDE. **Jornal de Serviço**, Rio de Janeiro, 17 dez. 1970. Gerico nos Bairros, p. 48. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_08&pagfis=15204&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 10 out. 2021.

AZEVEDO, Alexander Willian. Metodologia de identificação de fonte e coleta de informação: uma proposta de modelo para cadeia produtiva do couro, calçados e artefatos. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, n. esp., p. 149-158, 2012. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/51478>. Acesso em: 10 out. 2020.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Imagens do passado e do futuro: o papel da fotografia entre memória e projeção. **Matrizes**, São Paulo, v.11, n. 1, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/122953>. Acesso em: 22 set. 2020.

BATISTA JUNIOR, Natalício. Fotografia e memória: contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização. **Revista Belas Artes**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-17, set./dez. 2009. Disponível em:

<https://www.belasartes.br/revistabelasartes/?pagina=player&slug=revista-ba-foto-memoria>. Acesso em: 11 set. 2019.

BRAS, Rosamaria Xavier; BRAS, Aline Xavier; BRAS, Antonio José Silva. Imagem fotográfica como fonte de informação. **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 15, n. 1/2, jan./dez. 2016.

Disponível em:

<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/6625>. Acesso em: 2 out. 2020.

CLARK, Tereza. O fim do maior cinema do Rio. **O DIA**, Rio de Janeiro, 25 mar. 1990. Caderno D, 1 p. il.

DIAS, Vera. As esculturas do bairro de Campo Grande. In: DIAS, Vera. [Blog] **As histórias dos monumentos do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 26 fev. 2011. Disponível em:

<http://ashistoriasdosmonumentosdorio.blogspot.com/2011/02/>. Acesso em: 25 out. 2019.

FELIPE, Carla Beatriz Marques; PINHO, Fabio Assis. Fotografia como dispositivo da memória institucional. **Logeion: filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 89-101, 2018.

Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4339/3745>. Acesso em: 4 out. 2020.

FERNADES, Raphael. Lei que cria a 'Festa da Laranja' em Campo Grande é sancionada no Rio. **Diário do Rio**, Rio de Janeiro, 6 out. 2021. Disponível em: <https://diariodorio.com/lei-que-cria-a-festa-da-laranja-em-campo-grande-e-sancionada-no-rio/>. Acesso em: 20 out. 2021.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Morpheus -Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, v. 7, n. 13, 2008. Disponível em:

<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4815/4305>. Acesso em: 30 jun. 2020.

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. *In*: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MACIEL, Fabio Osmar de Oliveira. Memória social, memória coletiva e História: Um mapeamento da questão. **Dia Logos: Revista discente da pós-graduação em história**. Rio de Janeiro, v. 5, p. 103-113, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/dia-logos/article/view/23325/16625>. Acesso em: 30 jun. 2020.
- MANSUR, André Luis. **O velho Oeste Carioca**: história da ocupação da Zona Oeste do Rio de Janeiro (De Deodoro a Sepetiba) do século XVI aos dias atuais. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2008.
- MANSUR, André Luis. **O velho Oeste Carioca**: mais histórias da ocupação da Zona Oeste do Rio de Janeiro (De Deodoro a Sepetiba) do século XVI ao XXI. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011. (O Velho oeste carioca. v. 2).
- MOURÃO JÚNIOR, Carlos Alberto; FARIA, Nicole Costa. Memória. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 780-788, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v28n4/0102-7972-prc-28-04-00780.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- RIGEL, Ricardo. Bairro mais populoso do Rio, segundo em número de mortes por Covid-19, tem aumento de 82% no movimento nas ruas. **Extra**, Rio de Janeiro, 27 abr. 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/bairro-mais-populoso-do-rio-segundo-em-numero-de-mortes-por-covid-19-tem-aumento-de-82-no-movimento-nas-ruas-24395109.html>. Acesso em: 24 maio 2020.
- RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652007000300008. Acesso em: 23 fev. 2020.
- SILVA, Sergio Luiz Pereira da. A fotografia e o processo de construção social da memória. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 47, n. 3, p. 228-231, 2011. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/viewFile/csu.2011.47.3.05/622. Acesso em: 6 jun. 2020.
- VIEIRA, William de Souza. Entre a memória e história do Cine Palácio Campo Grande. *In*: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO, 14, 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Anpuh, 2010, p. 1-24. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276704140_ARQUIVO_Anpuh2010william.pdf. Acesso em: 1 jun. 2020.
- VILLALBA, Luiz Fernando. Fotografia como suporte da memória coletiva. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, Porto Alegre. **Anais [...]**, Porto Alegre: UFRGS, 2015, p. 1-11. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/fotografia-como-suporte-da-memoria-coletiva/view>. Acesso em: 1 jun. 2020.

Sobre a autoria

Mariã Michely Melo de Lima do Carmo

Graduanda em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Data Science no Ifood.

marianlimadocarmo@gmail.com

Carla Beatriz Marques Felipe

Mestra em Ciência da Informação, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutoranda em Ciência da Informação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Assistente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

felipecarla12@gmail.com

Robson Santos Costa

Doutorado em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor Assistente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

robsoncosta@faac.ufrj.br

Artigo submetido em: 17 set. 2021.

Aceito em: 25 fev. 2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia
Revista Folha de Rosto



✉ folhaderosto@ufca.edu.br

📷 [@revistafolhaderosto](https://www.instagram.com/revistafolhaderosto)

🐦 [@revfolhaderosto](https://twitter.com/revfolhaderosto)

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.